

Helena Roseta

Eu penso que vamos entrar na fase do debate, tivemos aqui intervenções muito ricas e eu iria utilizar uma expressão do professor Boaventura Sousa Santos para tentar unir o que estivemos a ouvir, nós no fundo constatamos que vivemos em Portugal aquilo que ele chama uma “democracia de baixa intensidade” e precisamos de evoluir para uma democracia de alta intensidade, e isto em várias direcções.

Uma democracia de alta intensidade tem de ser uma democracia cosmopolita e isso obriga a uma mudança de conceitos, evoluímos do conceito da cidadania pela residência e não pela nacionalidade e esse é um tema que tem de ser discutido.

Uma direcção aqui proposta, é o problema da democracia ser inclusiva, não ser uma democracia exclusiva, olhar para os imigrantes e para todas as marginalidades de maneira a inclui-las na democracia. Depois tivemos duas intervenções sobre o tema da igualdade de género, ninguém usou a palavra paridade mas eu diria que precisamos de uma democracia paritária, que no fundo é a evolução natural desta reflexão que vieram aqui fazer e foram todas intervenções muito ricas e finalmente uma quarta direcção uma democracia aberta aos direitos sexuais, por acaso ninguém falou dos direitos reprodutivos mas eu acho que também caberia aqui falarmos dos direitos sexuais e reprodutivos onde há também coisas medievais que se passam na sociedade portuguesa.

Portanto dentro destas quatro direcções está aberto o debate, foram feitas várias propostas e depois tentarei assinalá-las no relato a fazer ao plenário mas podemos aprofundar qualquer uma das direcções, penso que não vale a pena estar aqui a dizer primeiro uma ou outra, as pessoas livremente se inscrevam, concordam, discordam ou complementem o que já foi dito. Eu aceitaria agora inscrições.

Debate

Diogo Moreira

Na exposição a Ana Espírito Santo faz referências que, por uma questão de tempo, não referiu, de o PS ter sido mais influenciado para a questão da colocação das mulheres na Assembleia da República, por factores externos sobretudo com a entrada de Portugal na União Europeia e pela possível pressão dos Partidos Socialistas europeus. Em relação ao PCP, fazes referência a que isso não terá sido um factor importante. A minha questão é qual é razão entre essa diferença? No PCP são lógicas internas, mesmo próprias do partido e no PS são mais factores externos?

Gostaria que clarificasses mais essa distinção e, finalmente, tu tens aqui diferenças na composição de órgãos dirigentes em relação ao PS e ao PCP. Gostaria também que abordasses mais um pouco essa questão, sobretudo, as diferenças da composição dos órgãos dirigentes, relativamente à influência por lugares, se podemos fazer uma distinção por género, etc.

Fátima Pimenta

A minha questão era dirigida à doutora Ana, por não ter sido devidamente explicitada por falta de tempo e prende-se com aqueles factores que fala em relação aos militantes, quando diz que questionou os militantes

sobre a participação das mulheres. Gostava que explorasse melhor essa questão que gostaria de ver clarificada. Obrigado.

Regina Marques

Só me inscrevi para estar de acordo com Helena Roseta quando ela diz que de facto a questão dos direitos reprodutivos devia fazer parte desta problemática, na medida em que nós temos uma democracia trancada, quando ainda não se permite que as mulheres decidam se querem ou não, ou se podem ou não, ou se desejam uma maternidade e quando a têm de a interromper ainda são julgadas, condenadas, levadas a Tribunal.

Isto num país europeu onde somos os únicos, a par da Irlanda mas por razões muito diversas, não teve sequer um 25 de Abril e nós tivemos, é uma diferença substantiva. Mas, de facto, quando as mulheres não têm ainda o direito à escola, à decisão, acho que vale a pena que este Congresso também coloque isso como questão para nós continuarmos a lutar é certo, mas que se reconheça às mulheres é preciso dar esses direitos porque também os direitos individuais estão trancadas e numa democracia é básico que os direitos individuais sejam respeitados.

Já agora dizer que devíamos considerar que as mulheres são uma força social fundamental na democracia, como força social e acho que esta ideia também ainda não foi expressa e gostava de a deixar.

António Serzedelo

O problema que eu levantava aqui, era o problema das fragilidades do movimento social e designadamente o movimento social que representa grupos ditos minoritários ou que são minoritários de facto. Na verdade, o que me parece a mim da análise que faço é que a maior parte destes grupos minoritários, ou ditos minoritários, vivem muito virados para a sua própria problemática e não sabem criar pontes de contacto, ligação e solidariedade com os outros grupos minoritários. E eu daria aqui quatro exemplos, dos quais três estão aqui representados: as mulheres...

Helena Roseta

As mulheres não são grupos minoritários António, desculpe lá.

António Serzedelo

Mas são tidos como minoria.

Helena Roseta

Mas são tidos como minoria no poder, mas são maioria na força.

António Serzedelo

Eu também não concordo, mas socialmente ou politicamente são assumidos como tal.

E eu diria que hoje as mulheres, os homossexuais, os grupos de imigrantes, os grupos de deficientes e os grupos anti-racistas, são tudo grupos que de alguma forma são vítimas de exclusão social ou exclusão política, ou de algumas formas de exclusão e que não contactam e não se ligam entre si para encontrarem plataformas comuns ou para se solidarizarem e trabalharem em comum, relativamente a propostas sociais e políticas em conjunto.

E eu digo isto porque, por exemplo, nesta sala estão representantes de quatro ou três associações com quem tenho um diálogo simpático, mas isso nunca foi traduzido numa prática política ou numa prática social que levasse efeito. Eu sei que o SOS Racismo lida com associações LGBT mas lida com associações LGBT da mesma rede partidária a que pertence, é um bocadinho “pescadinha com o rabo na boca” e o que nos interessa não é a “pescadinha de rabo na boca”, mas justamente entrar mais num peixe mais comprido em que todos possam provar mais das postas.

Maria João Seixas

O José Falcão tinha referido um exemplo, em que uma única vez em que se colaram cartazes, mas porque é que se deixou de fazer?

Helena Roseta

O José Falcão pediu a palavra e o Mamadou também. Eu queria aqui só introduzir um dado, em vez de falarmos em minorias devêssemos falar de pluralidades, de uma democracia plural em que talvez as futuras maiorias sejam compostas por uma data de minorias ou maiorias, por uma constelação de causas, talvez seja melhor esta expressão. Há uma constelação de causas que podem actuar em conjunto, não sei se são maiorias ou minorias mas podem e devem actuar em conjunto.

Não são obrigadas a isso mas é interessante que sobretudo a democracia permita isso, que a democracia permita essa pluralidade e convergência de causas. Porque a palavra minoria levanta aqueles problemas, sabemos lá se as minorias que chamamos hoje minorias não são maiorias. Se calhar se fossemos a fazer as contas, muitas minorias se calhar seriam maiorias.

No caso das minorias étnicas há imensas zonas em bairros nos arredores de Lisboa em que as minorias étnicas são maiorias étnicas. Portanto porque é que havemos de chamar minorias étnicas? É estúpido. Mas desculpem isto é um a parte, eu daria a palavra.

Interveniente não identificada

Eu queria só dizer uma coisa que é muita simples, não se trata de grupos que representam as minorias, isto é o resultado exclusivo e só agora em Portugal, como sabem formar-se movimentos de cidadãos e esses movimentos de cidadãos têm ainda os seus limites e essa é uma das razões pelas quais não há um entrosamento global, visto que cada um deles se dedica a um problema específico.

E outros são extremamente importantes que representam vontades específicas dos cidadãos mas por outro lado há que haver uma articulação global entre todos esses movimentos para que estendessem plataformas que são comuns.

José Falcão

O António Serzedelo fala da comunicação social e dos estereótipos e ele veicula estereótipos da comunicação social, nomeadamente pelo que acabou de dizer agora. Evidentemente que as associações de direitos humanos como as nossas, têm sócios. Eu não tenho culpa já nasci antes do SOS Racismo ter nascido e também era do Benfica, como também sou ateu e sou do meu

partido e não tenho nenhum problema em sê-lo e não finjo que dispo a camisola quando entro dentro da sala porque isso é hipocrisia, continuo a ser a mesma pessoa.

E é o trabalho quotidiano e esse trabalho quotidiano e nós também queríamos falar também neste painel, é falta da participação democrática de aceitar as diferenças e aceitar as pessoas como elas são. Como digo eu sou do Benfica quando estou no SOS, sou do PCR e não mudo por causa disso, mas a minha associação não é deste ou aquele sítio.

E em relação às parcerias e está aqui gente que felizmente que não tem nada que ver com o que o António Serzedelo diz, que podia ter mas não tem e é do SOS.

Ainda agora fizemos a nossa assembleia geral e a acção de formação nacional, e isso é o que diz a imprensa, a imprensa gosta de rotular e catalogar. Paciência! Mesmo que fosse não era problema, mas não é, nem se quer é verdade.

E além disso, sobre a participação ou não, continua a haver participação, das vezes que o António Serzedelo convidou o SOS para ir falar lá, o SOS foi e nós falamos com a ILGA, como participamos no Gay Pride e é o que fazemos neste momento com o movimento gay e lésbico, porque há um Gay Pride onde estamos e não me parece que o Gay Pride seja do Bloco de Esquerda. O Gay Pride é de todas as associações que lá estão e que participam.

Eu acho que há alguns problemas que o António Serzedelo tem de resolver com o movimento social, nós vamos continuar a fazer sempre aquilo que fizemos que é pautar-se pela nossa independência, independentemente de eu ser ou deixar de ser o que quer que seja. Não são frases e posições como o António Serzedelo que me vão fazer mudar de partido e muito menos de movimento associativo.

Eu acho que, as festas da diversidade onde toda a gente participa, inclusive o movimento gay e lésbico, a rede anti-racista não tem nada que ver com o que o António disse.

A rede tem por exemplo pessoas de todos os quadrantes. Existem dirigentes do PP que estão em movimentos associativos de imigrantes, que estão na rede anti-racista e vão continuar a estar, do PSD, do PS, do PC, de tudo.

Portanto querer rotular, foi o que se quis fazer com o Fórum Social Português por parte de algumas pessoas interessadas em nesta pouca participação democrática gostarem de catalogar as pessoas.

E eu insisto o movimento social português, o pouco que existe demora muito a andar e a construir-se, e intervenções como a que teve o António não contribuem nada para isso, muito pelo contrário. Não é para esconder, porque não há nada que esconde porque eu continuo a dizer a toda a gente, e toda a gente sabe, é exactamente o contrário que acontece, muita gente faz isso por hipocrisia mas ninguém consegue despir as diferentes camisolas que tem e ainda bem que não o faz. E o que devia fazer é exactamente o contrário, era vestir todas as camisolas que tem e discuti-las enquanto tal, porque as coisas então seriam transparentes e é essa ausência de transparência que continua a haver no movimento social e na sociedade portuguesa.

Maria João Seixas

Eu devo ter percebido menos bem porque não estou dentro dos vossos caminhos, admiro as vossas organizações mas percebi que aquilo que o António Serzedelo disse no sentido das pessoas justamente não despirem as suas cores político-partidárias, mas fazerem em alguns casos, reflectir isso reduzindo a margem de actuação. Mas vocês têm com certeza uma história comum e agradeço o seu esclarecimento.

Mamadou Bá

Muito obrigado. Eu acho que aquela senhora que interveio há pouco tem razão. Temos de nos preocupar, sim, com a falta de entrosamento que existe entre o movimento social. Mas eu creio que temos de nos cingir mais nestas faltas de entrosamento e nomeadamente no que diz respeito às comunidades imigrantes, eu falo delas porque é delas que sou oriundo.

As associações de imigrantes têm um problema estrutural muito grave, ou seja, nós temos neste momento uma guetização do acesso ao espaço público.

Há pouco, o António falava das novas vagas de direitos, e uma dessas novas vagas de direitos devia ser a centralidade do acesso ao espaço publico, que não acontece com as associações de imigrantes, e não só.

Eu comecei a participar e deves-te lembrar disso, que foi a primeira vez que um imigrante catalogado por muçulmano, porque eu nasci muçulmano de facto, mas sou ateu, catalogado como muçulmano e de uma comunidade muçulmana, sentar-se diante das câmaras de televisão num debate na ILGA, em que eu estive sentado ao teu lado e do Manuel da ILGA.

Portanto, acho que tem havido esta preocupação mas temos é que pensar porque é que ainda falta o tal entrosamento. Porque de facto as associações, o movimento social português está guetizado, há uma guetização permanente no acesso à centralidade do espaço público. Não estruturadas, não têm mobilidade fácil. Isto é o problema central e é isso que temos que andar a trabalhar e sobretudo a denunciar. Reparem o que acontece hoje em Lisboa, todas as associações de imigrantes estão sediadas na Ameixoeira, onde só temos um autocarro que lá vai. Como é que as associações podem trabalhar em conjunto com o movimento social português?

Não podem. São lhes dadas sedes em bruto onde não têm condições depois estão guetizadas em bairros que nem se quer têm acesso ao espaço público. É impossível que elas trabalhem e isto é feito de uma forma voluntária, politicamente bem pensada para que não haja entrosamento entre o movimento social. Acho que é este o problema que nos temos de preocupar porque entrosamento tem havido., Eu tenho ido a todas as marchas do Gay Pride e há também pessoas do movimento gay e lésbicas que vão nas manifestações de imigrantes.

Helena Roseta

Antes da Ana falar queria só acrescentar um elemento para também a Ana poder reagir a ele se assim o entender.

Foi feita uma audição parlamentar aqui há uns quatro, cinco anos sobre exactamente o problema que levantou na sua exposição que era a participação das mulheres nos partidos políticos e por que razões é que não havia maior participação das mulheres nos partidos políticos. A audição foi muito extensa, ouviu-se muita gente e chegou-se à seguinte conclusão: as duas razões

principais porque as mulheres não participavam no poder político eram por não serem candidatas de primeira, o que tinha que ver com os partidos políticos que não as candidatava, era uma questão interna. A segunda que não vi referenciada no seu modelo e é por isso que estou a pôr o problema e é um factor externo que foi ali referenciado na audição com muita evidência, foi o famoso tema que dá pelo nome de conciliação de tarefas mas que eu prefiro chamar de gestão de tempo.

As mulheres portuguesas têm, em termos europeus, a mais alta taxa de actividade feminina, Portugal é o país com a taxa mais baixa de apoio à família, as mulheres também são as que têm a mais baixa participação no transporte privado e a mais alta participação no transporte público. Se somarmos estas coisas perguntamos a que dias ou a que horas do dia ou da noite é que as mulheres podem participar?

Há aqui um problema prévio que é a gestão do tempo e organização social que gostaria de ouvir a sua reacção.

Ana Espírito Santo

Eu agradeço as perguntas colocadas, queria pedir desculpa ao Diogo e a todas as outras pessoas que leram o resumo da minha comunicação porque devia ter dito isso no início, mas achei que não havia muita gente a ler o resumo, mas pelos vistos houve.

Porque de facto por questões tempo e não por questões de tempo de apresentação mas de tempo antes da apresentação não consegui mesmo desenvolver aquilo que tinha previsto quando escrevi o resumo. Normalmente faço os resumos adiantados, até para me obrigar a trabalhar mais e não consegui. Por isso optei por fazer uma apresentação mais geral daquilo que eu já tinha estudado; não foi uma grande novidade e não avancei muito em relação ao que tinha feito.

Mas em relação à pergunta específica que fizeste que é o caso do PCP e do PS, de eu no resumo não ter referido que no caso do PS teria havido uma influência europeia e no caso do PCP não. Para já é uma suposição porque como disse ainda não tive tempo de testar se é assim. Mas fiz essa suposição porque, enquanto no caso do PCP se verifica que desde 76 apresenta percentagens de mulheres relativamente altas, no caso do PS as percentagens altas são muito mais recentes, por isso tem de ter havido recentemente um factor que fez com que o PS mudasse de política. No PCP dá a ideia que não há uma mudança, há uma continuidade. Daí a questão da Europa se colocar no caso do PS e não do PCP, pelo menos não tão marcantemente.

Em relação à outra pergunta creio que também teria de estudar mais e pensar mais para poder, e mais uma vez peço desculpa por isso.

Em relação às perguntas dos militantes esse também é um problema de ter exposto tão rapidamente. Comparei os quatro partidos e chamei-lhes militantes e votantes fieis. A análise específica foi feita com base numa base de dados que é o *European Study* ou *Survey* que é de 1999.

O que fiz foi em primeiro tentar identificar quem eram os militantes, que eram os que respondiam à pergunta “pertence a um partido ou não pertence a um partido?” e vi que era uma percentagem mínima, tão pequena que com base naquelas pessoas não ia conseguir chegar a conclusão nenhuma. Então, deixei de considerar os militantes e passei a considerar os votantes fieis, que são aqueles que deram a resposta a duas perguntas que é “se amanhã

houvesse eleições em que partido votaria?” e “qual é o partido com que simpatiza mais?”. Se a pessoa respondeu o mesmo partido a estas duas perguntas, considero que é um votante fiel. Claro que isto é também criticável. A partir daí tinha formado grupos de votantes fieis dos quatro partidos e fui analisar as respostas que cada um destes grupos deu a dez perguntas sobre mulheres e não tenho assim muito presente mas acho que eram: “que o grande objectivo de vida das mulheres é ter filhos, mais ou menos do que os homens? Se as mulheres devem trabalhar ou serem sustentadas pelo marido?”.

São perguntas, como eu disse, que medem ideais progressistas em relação às mulheres e o que verifiquei desta análise juntando as dez perguntas que medem os tais ideais é que não há diferenças em termos de nenhum partido. Não há diferenças significativas, quer considerando os homens e as mulheres votantes fieis de cada partido, quer só considerando só as mulheres votantes fieis da cada um dos partidos.

Em relação à gestão do tempo, isso é verdade. É verdade que em Portugal são as mulheres que muitas vezes têm que conciliar o trabalho fora de casa com o trabalho dentro de casa. Para dizer a verdade não pensei colocar esse factor no modelo embora saiba que ele exista.

Sei que houve um estudo feito nos Estados Unidos que provou que apesar de ser verdade, que as mulheres têm menos tempo livre não é por essa razão que elas se dedicam menos à política. A razão base pela qual elas se dedicam menos à política, é porque se interessam menos pela política, mas aqui estou a falar de uma participação geral enquanto cidadãos e não de uma participação ao nível do poder político.

Ao nível do poder político não sei muito bem, mas é como lhe digo teria de pensar mais.

Helena Roseta

Há estudos interessantes, não ao nível das deputadas mas do universo das autarcas, curiosamente o índice de participação feminino nas autarquias é inferior ao do parlamento. O que é uma coisa estranha. Nós poderíamos imaginar que nas autarquias, que é ao pé de casa, as pessoas participavam mais, não é assim, é estranho mas é ao contrário.

E o que se verifica é muito interessante porque é radicalmente diferente o nível de formação. O nível médio de instrução dos autarcas homens é estudos secundários ou qualquer coisa assim ou menos. E o nível médio das mulheres é ensino superior ou doutoramento. Portanto isto quer dizer qualquer coisa. Quer dizer que as mulheres, que vão intervir na vida política, vão já num nível de exigência que aos homens não é pedido esse nível de exigência e é mais natural enquanto que as mulheres terão de vencer diversas barreiras. É um estudo do STAPE que poderá pedir para consultar que é interessante.

A questão dos horários da vida partidária, e eu estou a falar com conhecimento de causa porque sou mulher, já tive em dois partidos diferentes e já fiz essas batalhas todas. Os horários das actividades partidárias estão pensados para os homens, a maior parte das mulheres não podem ir às actividades partidárias porque ou são ao fim de semana e não podem, ou são à noite e têm que ficar com os miúdos, o que é uma trapalhada.

Não estão previstos fazer a determinadas horas, aos intervalos do almoço que nós temos mais um bocadinho de possibilidade, temos mais um bocadinho de folga, mas não está previsto, não há nada a essas horas.

E portanto não está explicitado mas implícito um modelo de organização de vida, que é um modelo masculino e as mulheres não conseguem lá chegar.

É só por isso que pode ser relevante, mas a Ana é que é a autora do estudo.

Ana Espírito Santo

Eu agradeço e vou pensar nisso. Mas estou a ver diferenças entre os partidos e isso é uma característica dos partidos todos terem horários incompatíveis com os horários do trabalho. E eu quero perceber é o que é que os partidos têm de diferente para resultarem que uns elegem mais mulheres e outros menos.

Eu percebo e tenho todos esses factores em conta e já tinha conhecimento de alguns deles. Não penso é que ajudem a diferenciar os partidos e é nesse sentido que vou pensar se os vou pôr no modelo ou não. Mas claro que são importantes e que de certeza têm peso na menor participação das mulheres no poder político.

Maria João Seixas

Temos que terminar e eu gostaria apenas de agradecer a sua primeira intervenção porque ou eu não a entendi bem ou se a entendi bem ela é a pedra toque de todos os queixumes, desgostos e reconhecimento das fragilidades da democracia.

É que justamente pois que cada associação trabalhando no seu campo específico, mas se houver aquela espécie de ponte que as liga na generalidade, que é a denúncia da marginalização ou da discriminação com certeza que o tecido social da democracia ficará por aí mais enriquecido. E é por aí que eu acho que o contributo de quem se sente discriminado é muito importante para o conjunto daqueles que não têm consciência de que o podem ser. Obrigado.